

– Mãe, me dá colo?

Perguntou o menino, enquanto entrava no quarto dos pais. A mãe, de pé próxima à cabeceira da cama, arrumava as fronhas dos travesseiros com o sorriso de sempre. A luz do final daquele dia de inverno entrava pela janela entreaberta e iluminava, em tons amarelados, o quarto já escurecido. A mãe ficou sem palavras e, por um instante, o sorriso lhe faltou ao rosto. Na ausência das palavras certas para aquele momento, sobrou a sensibilidade materna de apenas sentar-se no canto da cama e estender os braços ao menino. Voltou a sorrir. Ele se aproximou, também se sentou na cama e deitou a cabeça sobre o seu colo. As mãos, de dedos longos e unhas compridas, logo encontraram os cabelos lisos e ligeiramente dourados do filho. O acariciou enquanto ele, de olhos fechados, aos poucos, se entregava ao sono. Nenhuma palavra foi proferida. O silêncio era suficiente para que

se comunicassem. Dos olhos do filho escorria uma derradeira lágrima que percorreu todo o rosto do menino. E lá permaneceram, os dois, na penumbra do quarto vazio.

Passou um tempo quando, sentindo o frio da noite, ele acordou. Mal abriu os olhos e percebeu a janela ainda aberta. Percebeu, também, a luz artificial que vinha do poste, em frente à casa, iluminando seu corpo nu. Esfregou as pálpebras com as costas da mão direita e, então, se viu no espelho da porta do armário. Se viu e se reconheceu. Um homem grande, pele branca, cabelos grisalhos, barba por fazer, e pelos por todo corpo. Sentia frio, se encolheu, como se tentasse, além de se aquecer com o calor do próprio corpo, também diminuí-lo, retomando o tamanho da criança que fora um dia. Então, se deu conta da inutilidade do gesto, tanto para um como para outro objetivo. Levantou-se vagarosamente. Sentou-se na ponta da cama, imitando a posição que outrora ocupara a mãe. Percebeu, no reflexo do espelho, à meia-luz, sua barriga, sua face, sua nudez. Não havia mais travesseiros. Também não vira as franhas que a mãe manuseava com a destreza de quem dominava a tarefa doméstica. Não havia, tampouco, sua mãe. Percebeu-se sentado sobre o colchão manchado pelo bolor do tempo. Os lençóis brancos, sempre bem passados e esticados, já não suavizavam seu sono, e se deu conta de que o tempo havia passado mais rápido do que ele mesmo pudera perceber. “Como assim?” – indagou em silêncio. Levantou-se e caminhou até a janela, fechando-a. Sentiu a brisa da noite ainda mais de perto, arrepiando sua pele. Ainda nu, caminhou

para fora do quarto. Olhou o corredor da casa e seguiu por toda sua extensão. Passo a passo. Cômodo por cômodo. Tudo estava escuro, vazio e silencioso. Não sabia se estava sonhando que estava acordado, nu e velho, ou se havia sonhado que era uma criança assustada, que buscava consolo no colo da mãe. Sentiu-se abandonado, como nunca se sentira antes. Atordoado. Quis voltar a dormir, para sempre, quem sabe. Mas já era tarde. Não havia mais sono. Assim, sentou-se na poltrona da sala e, de lá, contemplou a escuridão daquele lugar. Tarde demais para pedir colo. O silêncio era aterrador e ficou com medo de gritar e acordar suas próprias memórias. Silenciou-se. E escutou os primeiros pingos da chuva sobre o telhado de zinco.

Fechou os olhos novamente, apertando-os com força, como se quisesse forçar o sono, apagar a imagem daquele silêncio, fugir daquela casa tão carregada de lembranças. Era pouco, mas era tudo o que tinha. Diego abriu os olhos e se viu no deserto, em algum lugar no meio da Patagônia argentina. Tudo o que aquele silêncio abraçava estava ali com ele, sentindo o vento gelado da Cordilheira dos Andes que rasgava o seu rosto imóvel. Sozinho, estava de pé, escorado em sua caminhonete Toyota. Fumava um cigarro. O olhar, perdido no passado, refletia, no azul da sua retina, as montanhas de neve à sua frente. Diego, nos seus 40 anos, vestia calça jeans surrada, uma camiseta branca e uma jaqueta de couro que cobria um colete de lã. Para se proteger um pouco mais do frio daquela tarde de princípios de primavera, tinha enrolado

ao seu pescoço um cachecol branco, mas agora amarelado pelo uso. Tragava o cigarro e soprava a fumaça como se estivesse em um filme hollywoodiano dos anos 1940. Havia um prazer imensurável naquele ato de engolir a fumaça e depois soprá-la para fora dos pulmões. Lembrou-se dos filmes em preto e branco e pensou que fora enganado. Primeiro nos disseram que era charmoso fumar. Até viril. Agora, depois de concluírem que o prejuízo do fumo aos cofres públicos é maior que o lucro dos impostos arrecadados, proibiram as pessoas de fumar até debaixo das marquises, ao ar livre. Uma verdadeira caça às bruxas, mas não na Argentina. Aqui, os fumantes ainda eram respeitados. Lembrou-se de Mario Quintana. O poeta dizia que fumar era uma maneira sutil e disfarçada de suspirar. Diego suspirou e deixou a fumaça sair da sua boca enquanto concluía: – O que seria de Quintana se ainda estivesse vivo?

Bonito, de uma beleza selvagem, com seus cabelos negros, traços indígenas disfarçados pela mestiçagem com o europeu, Diego se percebia sozinho naquela vastidão de terras cortadas apenas por uma rodovia asfaltada, na qual não transitava um único carro. Nenhum coche. Apesar do frio, suportado por Diego até com certa resiliência, o sol batia forte no rosto. Já era perceptível, por exemplo, as marcas de um bronzeado inusitado em sua tez morena. Terminou, então, de fumar seu cigarro Marlboro vermelho com uma última tragada seguida do descarte da bituca amarela no chão. Enquanto soprava para fora aqueles últimos instantes de fumaça, pensou naquele

resto de cigarro o qual, agora, pisava com seus pés calçados de uma bota estilo coturno do exército. Lembrou-se que aquele cigarro tinha sido comprado ainda no Mato Grosso do Sul, na sua cidade, antes de ele iniciar a viagem em direção à Terra do Fogo, região conhecida como Fim do Mundo. Para isso, depois de sair de Campo Grande, Diego precisou entrar no Paraguai pela fronteira de Ponta Porã, dirigir pela Ruta 5, cortando o país vizinho de leste a oeste, entrar na Argentina e seguir em direção a Cafayate, onde, finalmente, alcançou a Ruta 40, a mítica rodovia que corta a Argentina de norte a sul.

Diego deu a volta na caminhonete, pois estava escorado na porta do carona. Enquanto isso, rememorou o momento quando comprou o pacote com dez maços de cigarros na venda do Seu Antônio. Com os cigarros, comprou duas garrafas de água com gás, uma lanterna, pilhas e algumas barras de cereais. Era tudo o que precisava para uma viagem ao fim do mundo. Já fumou quase todos os cigarros nesses três dias de viagem por aquela estrada. Cada cigarro fumado, uma nova bituca amarela jogada no chão, ao longo de todo o trajeto. Lembrou-se da história de João e Maria, aquele livro que a mãe lia para ele quando criança. Se eles fossem fumantes, não precisariam se preocupar com o retorno, pois, se dependesse das bitucas jogadas na floresta, teriam milhares de anos para encontrar o caminho de volta para casa. Os passarinhos não as comeriam, o tempo não as fariam desaparecer, acho que nem a bruxa má da casa feita de chocolate – é isso mesmo ou estou confundindo as histórias? – iria

querer pegá-las. O caminho de volta para a civilização estaria sinalizado e garantido por séculos.

Dentro do carro, sentiu o arrepio provocado pela mudança do frio, exterior, para o calor aconchegante do interior do veículo. Colocou seus óculos Ray-Ban, tipo Aviador, e ligou o Toyota, acionando, ao mesmo tempo, o ar-condicionado que voltou a expelir um ar quente e acolhedor. Olhou para frente, para a estrada interminável em uma reta sem fim que se confundia com o próprio horizonte distorcido pelo efeito do calor sobre o asfalto. Soltou o freio de mão, colocou The Cranberries para tocar no rádio, aumentou o volume, respirou fundo, sentindo aquela emoção que só aqueles que pegam a estrada e gostam de viajar sentem. Um sentimento de liberdade e de descoberta misturado com certo receio pelo desconhecido. Acelerou com o carro parado, engatou a marcha e arrancou, pisando fundo no acelerador. Foi assim que retomou sua viagem rumo ao sul do continente americano.

Avançava, mas a paisagem não se alterava. Diego dirigia a uma velocidade média de 140 quilômetros por hora. Sozinho, era o Rei da Ruta. À sua direita, a Cordilheira dos Andes o acompanhava. A assustadora cadeia de montanhas de aproximadamente 8 mil quilômetros, que se estende desde a Colômbia até o sul da Argentina, faz a divisa natural deste país com o Chile. O cume branco de neve eterna sobre as montanhas mais altas valida a imponência daqueles picos sagrados – para os povos

andinos – os quais, mesmo no verão, resistem ao degelo provocado pelo sol e pelas temperaturas mais elevadas. À esquerda da rodovia, apenas terra a perder de vista. Não se vê uma única casa, uma única pessoa, uma única cabeça de gado, uma única ovelha desgarrada. Absolutamente nem uma vida animal. Um mundo infinito de nada, coberto apenas por arbustos rasos, secos pelo sol, contorcidos pelo vento e devidamente protegidos por cercas. Sim, mesmo aquele nada a perder de vista é cercado por um arame farpado que delimita a propriedade e informa ao vivente que por ali passa o pertencimento daquelas terras – e seus arbustos – a alguém. “Como em todos os lugares” – pensa Diego. Seja onde for, tudo sempre tem um dono. E, ali, não seria diferente. Alguém era o dono daquilo tudo, e aquilo tudo, mesmo sem nada mais que arbustos e areia, é suficientemente importante para alguém ao ponto de esse alguém ter erguido aquelas cercas.

Lembrou-se de um amigo que também foi seu professor de História na universidade. Diego, inclusive, tentou ser professor por um tempo, mas, como tudo na sua vida, foi apenas um ciclo. Desistiu quando se deu conta de que ninguém, nem mesmo os alunos de História, estavam interessados na história. “Até é compreensível” – pensou – “pois conhecer a história provoca tristeza, ansiedade, lamentação e dor. A nossa história é um poço de injustiça social. Escravidão, guerras, genocídios, ditaduras, racismo, corrupção, desigualdade social e, por trás de tudo isso, muito, mas muito cambalacho. Por tanto, melhor mesmo é viver na ignorância”. Então, Diego decidiu que não queria passar a vida em uma sala

de aula, tentando ensinar um bando de adolescentes descompromissados. A verdade é que o ensino, no Brasil, está falido. Aos pobres, uma escola desagregadora e professores desmotivados. Não por acaso, estes, raramente, alcançam as universidades. Às elites – e àqueles que com muito sacrifício ainda conseguem acessar a universidade –, um Ensino Superior acrítico, superficial e meramente tecnicista, principalmente nas universidades privadas, as quais, apesar dos *slogans* bem bolados, desenvolvidos por publicitários criativos, estão mais preocupadas em sobreviverem ao capitalismo selvagem do que em formar cidadãos pensantes, comprometidos com uma sociedade mais justa e com a própria ideia de nação. Compreensível, mas não mais para Diego, que, além de tudo, ainda era tachado de “professor comunista” pelos pais dos alunos. A ascensão da extrema direita e o discurso de que é preciso uma “escola sem partido” ganhavam força no Brasil fazia um bom tempo. Lá se vão 60 anos desde que Goulart caiu, acusado de flertar com o tal comunismo, e esse fantasma segue assombrando os brasileiros desavisados. E a culpa é sempre do mensageiro. Compreensível também, afinal, esperar o que de um povo que não lê nem Paulo Coelho?

– Melhor assim – resmungou Diego.

É um bom momento para fugir do país. E, enquanto dirigia e observava todos aqueles postes plantados no chão seco, a fim de delimitar a posse da terra, pensava na sua família. Em especial no seu pai. Fazendeiro, criador de gado e cavalos, ele também construía cercas para



delimitar suas propriedades. Diego se lembra das muitas vezes que o acompanhou na lida. O trabalho de cavar os buracos de tantos em tantos metros, implantar os paus que serviam de postes, os quais, seguidamente, eram feitos lá mesmo na fazenda. Para isso, era necessário derrubar árvores e serrar os troncos para que servissem como escoras para as cercas. Essas escoras deveriam ser enterradas em buracos de, pelo menos, meio metro. Para não apodrecerem no contato com a terra, os paus, feitos de madeiras nobres e, portanto, bem resistentes, ainda eram pintados com óleo ou piche. Para ficarem firmes e resistirem à pressão do arame esticado, era preciso fechar os buracos com o cuidado de socar, com a terra, pedras de diversos tamanhos para, somente então, estender o arame farpado, esticando-o com o auxílio de uma barra de ferro. Era um trabalho manual, de semanas, até meses, dependendo da área a ser cercada e a quantidade de peões envolvidos na atividade.

– Que trabalhão! – Resmungava o pai, sempre que se colocava a construir cercas.

Diego se pegou resmungando em voz alta, recordando o pai, que seguidamente se utilizava dessa exclamação:

– Que trabalho! – Repetiu em voz alta, agora consciente de que estava fazendo isso para imitar o velho.

Então, sorriu e seguiu dirigindo, acompanhando com os olhos a cerca interminável. Passou por sua cabeça que estava dirigindo por uma espécie de curral. À direita, as montanhas e, à esquerda, a longínqua propriedade de alguém que devia ter um pau duro, bem grande, grosso e

enrijecido. Ao menos, assim gostaria de ser visto. Na sua neura sexual, o homem sempre busca compensar o tamanho do seu pau com suas posses. “O pai” – pensou Diego – “também devia ter um pau grande, pois a fazenda da família, adquirida no final dos anos 1970, quando se mudaram do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso do Sul, era enorme. Quando vivo, o pai criava gado de corte, ovelhas, cavalos crioulos e, ainda, plantava soja. Ou seja, era mesmo um fazendão”. Aquilo tudo não significava muita coisa para Diego.

Na verdade, a fazenda lhe foi mais importante quando criança, pois se divertia com o irmão mais velho, cavalgando pelos campos, pescando nos rios e açudes e colhendo frutas silvestres. Saía cedo da manhã, com o irmão adolescente, e passava o dia em meio à natureza. Aquilo, sim, era liberdade. Mas, uma vez, quase perdeu a vida. Até hoje carrega a cicatriz de um corte profundo no pescoço, por conta de um tombo de cavalo, próximo a uma cerca. Com a queda, Diego se prendeu no arame farpado que rasgou o pescoço. Foi sangue para todo lado. Diego se assustou e chegou a desmaiar. Se não fosse pelo mano – que embora ainda bastante jovem, foi sagaz o suficiente para amarrar o pescoço de Diego com a sua camisa e assim estancar o sangue, colocá-lo sobre o lombo do seu cavalo e galopar em alta velocidade para a sede da fazenda –, Diego não estaria, agora, nos contando essa história.

Em alta velocidade, segura o volante apenas com a mão esquerda e massageia, com a direita, o outro braço

na altura do ombro. Está preocupado, já faz dois dias que sente um formigamento no braço esquerdo. Teme estar sofrendo um eminente infarto, mas sempre que tal ideia passa por sua cabeça disfarça com o pensamento de que ainda é jovem para isso, e essa sensação deve ser apenas algo psicológico. Para reforçar tal argumento e afastar o temido perigo da morte iminente do seu pensamento, repete para si mesmo que é uma pessoa que se alimenta bem, é magro, faz exercícios regularmente, e seus exames de sangue sempre estão de acordo com a sua idade. Ou seja, melhor não pensar besteira, até porque, se infartasse ali, no meio do nada, não teria muito o que fazer. Portanto, conclui que o melhor a fazer é ignorar o tal formigamento e, assim, remediado seu problema está. Dirige mais alguns poucos quilômetros até sentir vontade de fumar. Pega o cigarro e, ao fazer isso, percebe que a dormência no braço voltou. Ou nunca foi embora. Ri da sua própria loucura enquanto se lembra de que gosta de beber. Não bebe destilados nem tragos de qualidade duvidosa, não tem mais idade para isso. Ri de nervoso ao deduzir que se bebesse hoje os mesmos tragos de quando era adolescente, o seu fígado certamente não resistiria. Para evitar isso, prefere bons vinhos e cervejas artesanais de qualidade. Alguns diriam que Diego aprendeu a beber. Outros diriam que ele é esnobe. Diego prefere dizer que bebe menos, mas com qualidade. Compensações da maturidade.

Refletir sobre a sua pregressa vida boêmia – exageradamente boêmia – não contribui para o esquecimento

de um possível infarto. Por mais que tente, parece uma ideia fixa, ruminante, que permanece com ele constantemente, como uma parceira de viagem. Mas estaria ele realmente sentindo aquele comichão no braço esquerdo ou tudo não passaria de uma construção mental? “Se tudo isso não for apenas uma fantasia, estou ferrado” – conclui. Mesmo lutando contra seus pensamentos, não consegue deixar de imaginar a cena de seu desfalecimento ao volante do carro, a uma velocidade alta, saindo este da pista, capotando diversas vezes com ele dentro, quem sabe, já morto ao volante. Como resposta imediata a sua própria imaginação, pisou no freio e baixou a velocidade. Quanto tempo seria necessário para alguém encontrar o carro com as rodas para cima? Dias? Semanas? Estaria ele preso ao veículo pelo cinto de segurança ou seria jogado para fora, ficando seu corpo à mercê dos lobos famintos da Patagônia, que se alimentariam da sua carne adocicada e ainda tenra? Existem lobos na Patagônia? Descarta se aprofundar nessa questão e se lembra que faz bastante tempo que dirige solitário desde que parou no último pueblo à beira da estrada. Então, olha para o relógio no console do carro e vê as horas. Quase quatro da tarde. Ainda vai demorar algum tempo para anoitecer. Ao olhar para o console, no entanto, percebe um novo problema, talvez ainda mais grave que os seus delírios hipocondríacos. Diego se dá conta de que o ponteiro que marca o combustível está na reserva. A luz vermelha, acesa no console do carro, anuncia a necessidade urgente de parar em um posto de gasolina para abastecer. “Posto de gasolina” – por um instante até a comichão no braço

passou – “que posto de gasolina?” Aquela luz vermelha piscando no console, a estrada interminável à sua frente, a hora avançada do dia – sim, agora lhe pareceu bem tarde – e o cair da noite que, logo, chegaria trazendo o frio negativo do deserto. Sem combustível, nem o ar-condicionado poderá manter ligado para se esquentar. O braço dormente – segue dormente – agora começou a doer. Mesmo? Sente-se confuso. “Porra, se não morrer de um infarto certamente será de frio” – reclama Diego a si mesmo. Da testa, passou a brotar um suor gelado acompanhado de um tremor nas pernas. O coração disparou, sua visão ficou turva, e o peito apertou. O que estaria acontecendo? Sentiu medo, muito medo, e teve vontade de chorar. O suor frio logo deu lugar a um calorão que subiu pela espinha, chegando à cabeça na altura da nuca, provocando uma sensação de desmaio.

– Que confusão isso tudo! – Falou alto, seguido de um pedido que fez para si mesmo: – Diego, te acalma.

Implorou em voz alta que tudo passasse, mas suas súplicas de nada adiantaram. Ao contrário, percebeu que a visão ficava ainda mais turva e sentiu a respiração ofegante. Estaria enlouquecendo? Então, resistindo ao máximo ao pronto desfalecimento, puxou o carro para o acostamento, não mais que um metro de largura de terra, freando, já quase desgovernado, com tal violência sobre a terra seca, que uma nuvem de poeira se levantou e cobriu todo o veículo. Com a parada completa da caminhonete, assim abruptamente, depois de ladear para a direita e para a esquerda, o motor se desligou sozinho, e